

# **Ensinar, aprender, defender, preservar: ensino de história local e educação patrimonial**

*Idelsuite de Sousa Lima\**

## **Resumo**

O texto aborda aspectos do ensino de história local como elemento de educação patrimonial e a relação desse ensino com o processo de construção de cidadania. Este trabalho resulta de uma investigação realizada em escolas de Icó, uma cidade com importante registro na história do Ceará, cujo patrimônio histórico tem origem no século XVII. A pesquisa, para dissertação de Mestrado, realizada através de entrevista com professores e de análise documental procurou compreender o enfoque dado à realização do Ensino de História Local no currículo das escolas de Ensino Fundamental. As conclusões do trabalho demonstram que, a partir de tal ensino novas formas de entendimento são engendradas pelos professores e alunos; a relação local/global é ressignificada como elemento de identidade e de cidadania. O ensino de história local estabelece através da educação patrimonial um comprometimento com a preservação e a produção cultural.

**Palavras-chave:** história local, ensino, educação patrimonial.

## Introdução

Este artigo visa contribuir com a discussão da educação patrimonial a partir da abordagem do Ensino de História Local, por considerar que este tema compõe diferentes focos e interpretações, não somente no que se refere à discussão teórico-metodológica, mas à análise e produção de sínteses que contribuam para o desenvolvimento do mesmo.

As reflexões que orientam o texto têm como base uma pesquisa documental e a realização de entrevista com professores de escolas da rede pública e particular da cidade de Icó, sobre a importância dada ao Ensino de História Local. Tal temática é conteúdo de ensino estabelecido na proposta curricular do Estado do Ceará, para o primeiro ciclo de estudos e tem previsto no currículo das séries iniciais do Ensino Fundamental.

O Ensino de História Local constitui-se em uma temática vinculada a duas áreas de referência: a História e a Educação. A aproximação desses campos de conhecimento coloca em pauta uma discussão historiográfica que sublinha os referenciais da micro-história (BURKE, 1992) e uma aproximação ao campo teórico do currículo, na vertente que estuda questões relacionadas com o desenvolvimento do ensino e seus aportes teórico-metodológicos (LIMA, 2000).

Neste sentido, a abordagem focalizada neste estudo compreende a história local sob o ponto de vista do ensino, numa perspectiva de produção do conhecimento histórico. Defende a importância de refletir historicamente a localidade, a comunidade nas suas expressões e formas de organização, a ocupação espacial, a preservação da memória e do patrimônio cultural, como um exercício de educação patrimonial.

### Quando o ensino fala do local

A localidade na qual foi realizada a pesquisa, a cidade de Icó, tem origem no século XVII, mais especificamente, por volta de 1649, quando os últimos índios da tribo Icós foram expulsos do seu

território. Icó constitui-se em uma das primeiras povoações do Ceará. A cidade ainda guarda em seus sobrados e casarões, de estilo neoclássico, traços da história de seus habitantes europeus. Sua arquitetura é formada por sobrados revestidos com azulejos vindos de Portugal, com igrejas em estilo barroco, com ruas largas ornadas por casarões enfileirados e um teatro, de rara beleza, destoando da arquitetura das edificações do sertão cearense.

Icó tem uma grande contribuição à história do Ceará, tendo sido sua terceira vila (antecedida por Aquirás e Aracati) e palco onde se desenvolveram, por volta dos anos de 1700, a indústria do pastoreio e posteriormente a produção do ouro branco, o algodão. Importante instância econômica da época, a pecuária de Icó alimentava o beneficiamento das charqueadas para exportação do charque no porto de Aracati, dando destaque ao comércio do Ceará. O fato de estar situada numa grande planície, às margens do Rio Salgado, facilitou a chegada dos portugueses que ali instalaram suas fazendas de gado e se projetaram economicamente no chamado Ciclo do Gado.

Em conseqüência dessa projeção, as residências das famílias fidalgas, em estilo europeu, foram edificadas com ostentação e a cidade viveu sua época de glória e esplendor. A ascensão da cidade trouxe-lhe reconhecimento das autoridades, tendo sido, por um lapso de tempo, a capital do Estado. Em virtude da representação política e poder dos seus governantes recebeu o título de Princesa dos sertões, em 1863.

Um registro interessante representativo do patrimônio cultural da cidade é que, ao lado do apogeu do poderio econômico, as manifestações populares demonstraram poder de resistência, expressando-se através de ações e de edificações, cujos resquícios se sobressaem nos dias atuais. Os escravos e as pessoas comuns deixaram marcas de suas atuações na cidade. Ainda há rastro das primeiras edificações populares, dividindo o espaço urbano e indicando que as relações construídas não se fizeram de forma passiva. A chamada Rua do Meio, composta por casas simples,

localizada entre duas ruas de imponente edificação indicam que o povo comum estava presente também na conquista do espaço.

Além disso, as lutas dos seus habitantes, dentre elas: a resistência dos índios à colonização; o movimento em prol da abolição da escravatura (no qual a participação de icoenses foi significativa, inclusive uma organização de mulheres, levando Icó a alforriar seus escravos em 1883); as manifestações de repúdio às ordens do imperador no movimento da Confederação do Equador, expressam formas de participação. Esses traços da história de Icó são, de certa forma, rememorados pela população.

Por volta do final do século XIX e início do século XX, o período de esplendor termina. A cidade perde seu potencial econômico, sendo atualmente uma cidade de pequeno porte. Com o passar dos anos, parte da riqueza arquitetônica do tempo áureo acabou sendo demolida, porém, a cidade ainda mantém aspectos desse passado histórico estampado em um conjunto arquitetônico que teima em manter-se de pé.

Na última década do século XX, o patrimônio edificado da cidade foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional – IPHAN, resultante de uma mobilização da população em torno da preservação, mas a partir de um movimento iniciado nas escolas contemplando discussões sobre o patrimônio cultural.

Com a restauração de alguns prédios e com a intensa divulgação da conservação dos mesmos, a cidade vive um certo revigoramento em torno da preservação do patrimônio arquitetônico, e a população parece atender a esse chamamento de preservação patrimonial. Em 1999, em consequência das obras de restauro, o IPHAN distribuiu um livreto contendo textos explicativos sobre as edificações, com fotos dos prédios tiradas sob diversos ângulos internos e externos. As escolas receberam esse material e muitas delas o utilizaram como recurso didático.

Esse texto que as professoras chamam de ‘Cartilha do IPHAN’ contém explicações sobre a importância da participação da

comunidade na preservação e conservação do patrimônio cultural e passou a fazer parte do currículo escolar, quer através da discussão sobre as histórias dos antigos habitantes daquelas edificações, quer através de um trabalho de orientação sobre a preservação patrimonial.

Por ocasião da pesquisa por mim realizada, as professoras afirmaram que, ao trabalharem com imagens dos prédios, abordando a história dos antepassados, os alunos se vêem representados e se entusiasmam, não apenas em pontuar questões referentes ao passado, mas em entender a importância da participação deles nos dias atuais. Para as professoras entrevistadas, os alunos confrontam as discussões sobre o patrimônio com a necessidade de participar e de se responsabilizar pelo destino da sua cidade.

Algumas professoras apresentaram textos de alunos da 3ª série do Ensino Fundamental, nos quais havia essa expressividade dos alunos. Alguns trechos transcritos a seguir são representativos: “Eu passava todo dia na calçada daquele sobrado e nunca tinha percebido essa imagem!”. Em outro texto, o aluno desabafou: “Eu não sabia que nós éramos tão importantes assim, descobri agora!”. Uma aluna expressou a seguinte compreensão: “vejo agora que nós devemos não só conservar os prédios, mas fazer coisas culturais para que as crianças do futuro comparem o que os antigos fizeram, com o que nós agora fazemos e com o que elas vão fazer”.

Essas frases indicam que imagens aparentemente comuns no cotidiano são ressignificadas no Ensino de História Local. O fato de o aluno sentir-se parte do patrimônio cultural atribui-lhe um significado de pertença e de construção de identidade, contribuindo para entender cidadania também como um direito à cultura (CHAUI, 2006). Trabalhar esses aspectos representou, para essas professoras, oportunidade de contribuir para o processo de formação de cidadania dos alunos.

Entendendo-se cultura como algo pelo qual se luta, é possível compreender que a educação patrimonial constitui um espaço interessante para desenvolver noções de cidadania, de identidade,

de cultura. Para Chauí (2006, p.113), cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam e, pelo trabalho, desnaturalizam a natureza por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística. Por essa razão torna-se premente desenvolver nos alunos um olhar voltado para as práticas culturais, políticas, sociais.

### Educação patrimonial e Ensino de História Local

Para iniciar uma discussão sobre Ensino de História Local na Escola Fundamental, convém atentar para a afirmação de Marc Ferro (1993, p.11), que assim se pronuncia:

Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela marca para o resto de nossas vidas. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões fugazes ou duradouras, como um amor... mas permanecem indelévels as marcas das nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras invenções.

Descobrir o passado das sociedades é ter acesso a um patrimônio que precisa ser redescoberto pelas crianças. É importante afirmar que patrimônio cultural tem um sentido amplo. Não se refere apenas às edificações de pedra e cal, mas às diversas manifestações culturais dos habitantes. Daí a necessidade de conhecer e discutir o patrimônio cultural como forma de sensibilizar os alunos para o compromisso com a memória, com a história e com as suas ações vivenciadas cotidianamente, na construção da história individual e coletiva.

Na esteira dessas proposições, este texto se predispõe a pensar esse ensino, tomando como mote a educação patrimonial, como uma forma de luta em defesa do patrimônio cultural. A terminologia patrimônio cultural substitui termos como patrimônio histórico, entre outros, sendo então considerada uma expressão mais

abrangente que, de acordo com o artigo 216, seção II – da CULTURA, da Constituição brasileira (1988), estende-se a:

[...] formas de expressão; aos modos de criar, fazer e viver; criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; aos conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Nesta perspectiva, o Ensino de História Local constitui-se em possibilidade de levantar pontos de reflexão acerca de tais questões, tanto do ponto de vista do desafio da descoberta, quanto do ponto de vista do acompanhamento das políticas públicas de preservação e valor cultural.

Com efeito, a educação patrimonial constitui-se em referência importante a ser trabalhada na escola, no sentido de contribuir para que as novas gerações tenham acesso à discussão acerca do patrimônio cultural da sociedade a qual pertencem. Esse acesso pode ser veiculado através do Ensino de História Local, como parte do desenvolvimento do currículo da escola, uma vez que tal ensino, segundo SOUSA (1999):

[...] possibilita um olhar investigativo sobre as paisagens e a organização dos campos, da cidade, dos bairros, das vilas e dos vilarejos; as crenças, os mitos, as festas populares de caráter religioso ou profano; os comportamentos e hábitos característicos da região; a arquitetura, a arte, os valores, as relações de trabalho, de dominação e de poder

O Ensino de História Local abre possibilidades de explorar o processo histórico da localidade numa perspectiva crítica. De acordo com a pesquisa realizada, as aulas-passeio para visitar o centro histórico ou o estudo realizado em sala de aula, a partir das imagens do patrimônio edificado, transforma aqueles prédios, conhecidos de todos, em uma outra dimensão, oportunizando aos alunos perceberem de outro modo aquilo que lhes é familiar e fazê-los pensar sobre o seu papel na comunidade onde moram e edificam suas vidas.

Para as professoras entrevistadas, quando o assunto refere-se à educação patrimonial, as aulas ganham um maior sentido, possibilitando refletir acerca das ações e reações das pessoas no seu dia-a-dia e das conseqüências dessas ações para a sociedade. A temática trabalhada por ocasião das aulas-passeio enriquece o conteúdo trabalhado em cada turma.

Citando como exemplo, a realização de estudo sobre o teatro, algumas professoras informaram que tal atividade mobilizou os alunos a se interessarem pela arte e a prepararem atividades de dramatização e de pesquisas sobre a arte local e sua relação com as atividades artísticas e culturais. As lendas e contos pitorescos pesquisados pelos alunos, sobre os antigos habitantes constituem acervo para encenação. As 'cantigas de rodas', as 'brincadeiras' e 'canções de ninar' recolhidas pelos alunos junto à população idosa são organizadas em uma brochura produzida por eles e, segundo os depoimentos, são dramatizadas.

Vale destacar que há na cidade uma tradição em torno da literatura de cordel. Uma professora organizou uma pesquisa com os alunos sobre cordéis antigos e atuais. A literatura de cordel constitui um gênero literário, expresso em folhetos, abordando episódios históricos, lendas, poesia popular. A partir desse material foi realizado um recital de poesia. Tais textos são também utilizados por outras professoras para leitura e produção textual, como forma de incentivar os alunos a produzirem cordéis.

Nunca é demais refletir sobre a importância que o patrimônio pode exercer sobre a população. Ademais, estudar o patrimônio cultural com os alunos implica, sobremaneira, abordar aspectos culturais como hábitos, costumes, crenças, festas populares de caráter religioso ou profano e tradições da comunidade relacionados com as manifestações e organizações populares que caracterizam a sociedade da qual fazem parte.

A educação patrimonial ensejada através do Ensino de História Local torna mais evidente o traçado das ruas, a arquitetura, os valores, as relações de trabalho, a organização comunitária, as



relações de poder e dominação. Abrem-se novos horizontes de interpretação sobre o que é produzido no local, sobre a arte em suas diversas manifestações, sobre as formas de expressão do povo.

A riqueza arquitetônica do lugar compõe apenas uma parte do grande patrimônio cultural construído pelos habitantes do passado e do presente. E se a memória não significa reviver o passado, porque o ato de lembrar, como diz Chauí (2006), 'não é reviver, mas re-fazer' - construir o presente significa fazê-lo com as ações, gestos, intenções e luta.

Assim, o patrimônio cultural alcança uma dimensão que põe em sintonia o presente e o passado, através da rememoração (Benjamin, 1992), como instrumento de luta, significando olhar o passado com os olhos de hoje. Nessa perspectiva, discutir o passado a partir do presente impõe pensar que a memória pode representar esperança de mudança por contribuir para que os sujeitos pensem sobre o seu fazer.

Efetivar um ensino que tematize o patrimônio cultural não tem como proposição uma abordagem que simbolize apenas o relato de um passado glorioso, mas, sobretudo, relacionar as conseqüências do presente com os acontecimentos do passado, no sentido de entender a atuação dos movimentos de organização popular e de participação comunitária.

O mote sugerido pelo Ensino de História Local para analisar passado e presente, a partir da discussão sobre educação patrimonial, deve ser entendido como forma de compreensão acerca da construção da história dos homens, as lutas travadas coletivamente como expressão da sociedade no desenvolvimento de ações que contribuíram para que a história se fizesse de um jeito e não de outro.

Sob este prisma, o Ensino de História Local pode contribuir para elucidar o passado público, o viver cotidiano, a pluralidade de culturas da população, ensejando uma reflexão acerca do que é construído coletivamente pelos sujeitos históricos, em experiências comunitárias, esclarecendo que, a partir dessas experiências, é possível vislumbrar transformações na sociedade e construir uma história que valorize a vida e as pessoas como cidadãos.

Com efeito, o Ensino de História Local constitui referência importante na discussão sobre os saberes veiculados no currículo e a vinculação destes com o processo de construção da cidadania dos alunos. Sendo o currículo um espaço no qual são eleitos para ensino, aquilo que é considerado mais importante, a inclusão do Ensino de História Local pode contribuir para fomentar uma co-responsabilidade dos alunos sobre o local da sua atuação e sobre a preservação da memória.

O Ensino de História Local possibilita a incorporação das experiências dos alunos que se dão num espaço privilegiado de formação da cidadania. Assim, permite sensibilizá-los acerca da necessidade de preservação do patrimônio cultural da comunidade, numa proposta de educação patrimonial, familiarizando o aluno com a preservação dos bens culturais, dos referenciais históricos e também com as experiências sociais e lutas cotidianas (FERNANDES, 1993).

É importante registrar que o Ensino de História Local não pode se restringir ao que está próximo, mas fazer a relação entre o local e o geral, o específico e o global. As questões locais situam-se como ponto de partida para a discussão mais geral dos problemas da sociedade. Não se trata de defender o localismo. Ao contrário, analisar criticamente o local permite compreender que novos horizontes podem ser construídos, oportunizando aos alunos colocarem em prática novas formas de exercer a cidadania.

Convém lembrar que o local é o lugar de atuação no qual as pessoas fazem história na luta cotidiana pela vida, pela sobrevivência, pela expressão de seus costumes, crenças e hábitos. O local é o espaço onde o homem age, constrói, inventa formas de vida, faz história (NEVES, 1997). É o espaço das relações sociais, relações de trabalho, de poder, de cultura, de lazer. Por isso, um espaço de compreensão da dimensão social de cada um para analisar as relações sociais do seu tempo e buscar formas de transformá-las para o bem comum.

No tocante à participação do aluno no contexto social do qual é parte, Fernandes (1995) defende que o Ensino de História Local pode inserir o aluno na realidade do passado da comunidade local,

o que lhe possibilita uma melhor compreensão da sociedade em que vive e na qual virá a intervir, como ser histórico e cidadão.

Nesse sentido o Ensino de História Local pode constituir-se em um espaço de formação de cidadania, a partir do aprofundamento das noções de igualdade, justiça, compromisso e luta, bem como da relação entre o papel do indivíduo e da coletividade. Situa-se, assim, como possibilidade de questionamento sobre a forma como os homens têm-se organizado para produzir as condições materiais de existência e sobre a participação social e política da população nos destinos da comunidade.

### Algumas considerações

A idéia deste texto de 'Ensinar, aprender, defender, preservar' coloca-se numa proposição de pensar a educação patrimonial como um aspecto a ser trabalhado na escola a partir do Ensino de História Local, uma vez que tal ensino é conteúdo sugerido para todas as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao se propor 'ensino', a educação patrimonial aqui defendida coloca o 'aprender' como resultado de um processo de produção do conhecimento que incorpora o 'defender' e o 'preservar', voltados para o patrimônio cultural, como conseqüência de um efetivo trabalho que se compromete com a formação da cidadania dos alunos.

Ainda que essa temática encontre ressonância em instâncias diversas, a pesquisa em questão coloca em foco o trabalho realizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, indicando que tais proposituras devem ser discutidas em quaisquer níveis de ensino. Para finalizar, ousamos pensar como Hobsbawm (1998, p.229):

Qual o objetivo de todos esses exercícios? Não é simplesmente descobrir o passado mas 'explicá-lo', e, ao fazer isso, fornecer um elo com presente. [...] o fato de que compreender como o passado se converteu no presente nos ajuda a compreender o presente e, provavelmente algo do futuro.

## Notas

\* Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Idel.lima@uol.com.br

## Referências

BENJAMIN, Walter. (1994). *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense.

BURKE, Peter. (1992). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP.

CHAUÍ, Marilena. (2006). *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo.

FERNANDES, J. R. (1993). O. Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história. In: *Revista Brasileira de História*. v. 13 n° 25/26. ago.

\_\_\_\_\_. (1995). Um lugar na escola para a história local. In: *Ensino em Revista*. 4.(1). Dez.

FERRO, Marc. (1983). *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Ibrasa.

HOBSBAWM, Eric. (1998). *Sobre história*. São Paulo: Companhia das letras.

LIMA, I. S. (2000). *Ensino de História local e currículo: idéias, dizeres e práticas no fazer educativo escolar*, João Pessoa: UFPB (Dissertação de Mestrado).

NEVES, J. (1997). *História local e construção da identidade social*. Saeculum 03. João Pessoa. dez.

SOUSA, M. A. (1999). Vivendo e construindo a história local. In: *Formação continuada de professores da rede pública – História*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.

## Anexos

Fotos da cidade de Icó:

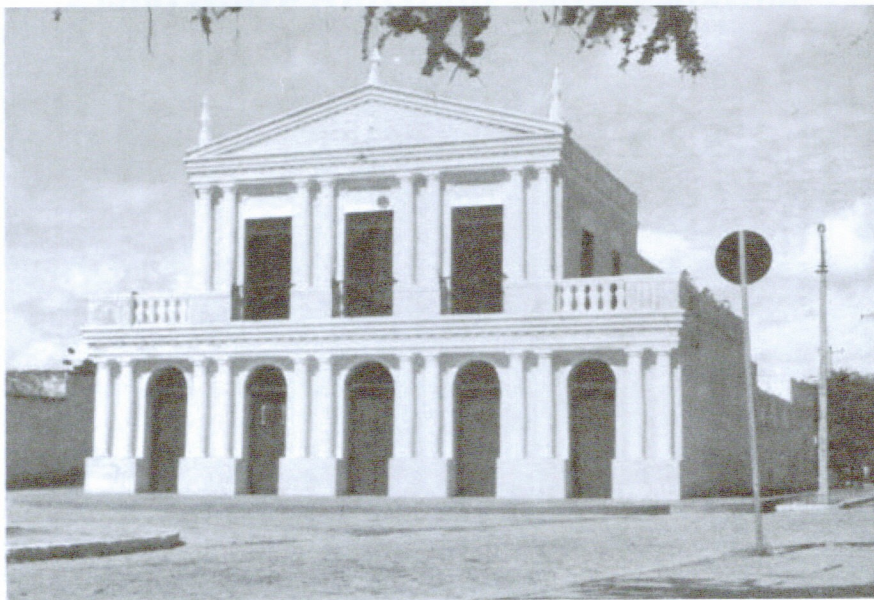


Foto: Elton Braga, 1981.  
Icó – Teatro da Ribeira dos Icos.



Foto: Idelsuite Lima, 2000.  
Icó – Igreja de Nossa Senhora da Expectação.

## Abstract

The text approaches aspects of the local education of history as element of patrimonial education and the relation of this education with the process of citizenship construction. This work results of an inquiry carried through in schools of Icó, a city with important register in the history of the Ceará, whose historic site has origin in century XVII. The research, for dissertação of Mestrado, carried through through interview with professors and of documentary analysis looked for to understand the approach given to the accomplishment of local education of history in the resume of the schools of Basic Education. The conclusions of the work demonstrate that, from such education new agreement forms are produced by the professors and pupils; global the local relation/is ressignificada as citizenship and identity element. The local education of history establishes through the patrimonial education a comprometimento with the preservation and the cultural production.

**Keywords:** local history, education, patrimonial education.